

# PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO CONTEXTO DAS ALERGIAS E INTOLERÂNCIAS ALIMENTARES

## INFORMATION PRACTICES IN THE CONTEXT OF FOOD ALLERGIES AND FOOD INTOLERANCES

Marciana Siqueira Silva <sup>a</sup>

Maria de Fátima Oliveira Costa<sup>b</sup>

### RESUMO

**Objetivo:** Investiga as práticas informacionais no contexto das alergias e intolerâncias alimentares no âmbito da Ciência da Informação por meio do seguinte questionamento: “Como ocorrem as práticas informacionais de pessoas com restrições alimentares?”. Objetiva mostrar como decorrem as práticas informacionais por pessoas com intolerância e alergias alimentares. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa. **Resultados:** Verificamos os seguintes resultados: a) a automedicação e a busca por diagnóstico são consideradas práticas preliminares; b) constatamos ainda que, os processos de busca por informação ocorrem desde as estratégias de pesquisa na internet a encontros face a face com outros sujeitos no cotidiano. **Conclusões:** Concluimos que as práticas informacionais do grupo se constroem mediante a necessidade de manter uma alimentação segura e livre de produtos alergênicos, tais práticas se concentram em modos de interação e conexão para troca de saberes e experiências em espaços físicos e digitais.

**Descritores:** Práticas informacionais. Estudos de usuários. Restrição alimentar. Alergia e intolerância alimentar.

### 1 INTRODUÇÃO

Simbolicamente retratada como bem gastronômico, patrimonialista, histórico e cultural, a comida está presente no cotidiano das pessoas desde os períodos mais remotos. O hábito de comer repercute numa série de significados

---

<sup>a</sup> Mestra em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará (PPGCI-UFC). Fortaleza. Brasil, marcyane13@gmail.com

<sup>b</sup> Doutora pelo programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista UNESP. Docente do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, Brasil, Email: fatima12oliveiracosta@gmail.com

enquanto sociabilidade humana, o que implica entender a alimentação como uma prática onde se estabelece costumes e experiências do homem em constante relação com alimento no dia a dia.

A partir do desenvolvimento industrial a produção de alimentos afetou diretamente os aspectos sociais, econômicos e alimentares da população. Por causa dessa situação, os hábitos das pessoas vêm passando por mudanças, de pronto, surge não só necessidade do homem em selecionar o que comer, mas sobretudo obter informação sobre as substâncias presente nos itens disponíveis para alimentação, seja pelo avanço na fabricação de alimentos processados, ou seja por questões de saúde.

Considerando a alimentação no cotidiano, este estudo retrata as práticas informacionais de pessoas alérgicas que sofrem reações do sistema imunológico logo após ingerir algum alimento, e pessoas com intolerância são aquelas que apresentam uma resposta exagerada do organismo, mas que não se dá através do sistema imune como no caso da alergia (ABIA, 2014). O grupo citado não pode consumir qualquer produto disponível no mercado, requerendo alimentos específicos livre de compostos alérgicos.

Com intuito de informar-se sobre os ingredientes que afetam à saúde esse público produz no cotidiano diferentes experiências, pois é um grande desafio para esses consumidores obterem informações precisas no intuito de manter a qualidade de vida. Mediante esse quadro, questiona-se: “Como ocorrem as práticas informacionais de pessoas com restrições alimentares? Visando responder tal questionamento, o objetivo desta pesquisa é apresentar como decorrem as práticas informacionais por pessoas com intolerância e alergias alimentares, com vistas à qualidade de vida.

Justifica-se que, no caso dos alimentos industrializados não há um documento detalhando informações de qualidade, visto que, o acesso se limita aos rótulos contido nas embalagens. Daí, dá-se a importância em conhecer esse público visando identificar como realizam práticas com a informação. Além disso, as “práticas informacionais” é uma perspectiva de estudos no campo de usuários da informação (Araújo, 2020) na área de Ciência da Informação relativamente recente, mas que ao longo dos anos vem se constituindo rica abordagem no

estudo dos sujeitos e das formas como se relacionam com informação.

## **2 INTERLOCUÇÃO DOS ESTUDOS DE USUÁRIOS COM AS PRÁTICAS INFORMACIONAIS NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

A literatura da Ciência da Informação, explica detalhadamente como as subáreas consolidaram-se no recuar do tempo. Um destes campos que entrecruzam e dialogam com a evolução teórica conceitual da área, é o estudo dos usuários da informação. O surgimento dos estudos de usuários está relacionado aos estudos de comunidade idealizados pela Escola de Chicago localizada nos Estados Unidos (EUA) na década de 1930 (Araújo, 2010).

Dentro da CI, o campo dos estudos de usuários desenvolveu-se entre as décadas de 1940 e 1950 com pesquisas voltadas para a, “[...] comunicação científica sobre os fluxos de informação e hábitos informacionais dos cientistas britânicos que serviam aos órgãos do governo” (Araújo, 2014, p. 62). Por não considerar o processo cognoscente dos sujeitos, as primeiras pesquisas são conhecidas como abordagem tradicional. Porém, entendendo que os processos mentais apresentam diversas interpretações, entre a década de 1970 e 1980 verifica-se nos estudos de usuário outra abordagem denominada de alternativa “[...] centrada no usuário ou abordagem da percepção do usuário” (Cunha; Amaral; Dantas, 2015, p. 83), ela é vista como comportamental devido a interdisciplinaridade da Ciência da Informação com as Ciências Cognitivas.

A teoria cognitiva contempla valiosos estudos como: o modelo de comportamento informacional (Wilson, 1981), o modelo de construção de sentidos (Dervin, 1983), e o modelo do processo de busca de informação de (Kuhlthau, 1991) entre outros. Apesar de investigar a capacidade cognitiva do indivíduo compreendeu-se que o comportamento humano não poderia constituir-se “[...] isolado da realidade numa dimensão cognitiva” (Araújo, 2013, p. 12), mas em conjunto do homem com o espaço social. Por conta deste aspecto atrelado a vida do homem, a partir de 1990 tem-se início a abordagem social.

De acordo com Araújo (2013, p.12), a abordagem social “[...] busca reinserir o usuário nos contextos concretos de vida e atuação, numa concepção claramente fenomenológica: ver os sujeitos como ser no mundo”. Esta

abordagem trouxe outra percepção, bem como a compreensão dos sujeitos nos diferentes contextos socioculturais. É a partir desta ideia que a noção das práticas informacionais começa a ser empregada de forma mais abrangente na área da CI.

O conceito de práticas informacionais é mencionado na literatura entre 1960 e 1970, mas “[...] neste período o comportamento da informação era o conceito dominante, enquanto a prática da informação permanece como uma alternativa crítica” (Savolainen, 2007, p. 109 tradução nossa). No período citado pelo autor os estudos sobre o comportamento se consolidaram devido a tendência de conhecer as necessidades e sobretudo a interação usuários-sistemas de bibliotecas. Porém, as práticas informacionais representam uma virada mais sociológica, contemplam questões socioculturais que haviam sido individualizadas nos estudos do comportamento (Talja, 2006).

O estudo das práticas informacionais invoca o contexto, de modo a compreender que quando os sujeitos interagem com os recursos de informação, uma situação, ou mesmo um diálogo é construído a partir desse contexto (Courtright, 2007). O contexto é tido como o cenário onde se situam as dimensões pessoais, físicas e socioculturais, e é nele que residem os fenômenos e os modos de como os sujeitos negociam com a informação.

O contexto é um espaço de bastante complexidade, por isso as “[...] práticas informacionais precisam ser compreendidas do ponto de vista de outras áreas do conhecimento, como a antropologia e a sociologia” (Berti; Araújo, 2017, p. 394), uma vez que, o contexto manifesta dimensões históricos e culturais dos indivíduos associados a diferentes comportamentos.

Savolainen (2007, p. 121, tradução nossa) aponta que “[...] todas as práticas humanas são sociais e se originam de interações entre os membros da comunidade”. O social não é apenas as práticas compartilhadas pelos sujeitos, mas as relações constituídas pelo homem a partir de sistemas simbólicos. Cox (2012, p. 178, tradução nossa), também argumenta que “[...] as práticas são sociais, porque são feitas de convenções e entendimentos sociais, e, é no contexto em que encontramos os outros”. Nesse sentido, as práticas residem do contexto porque nesse espaço habitam experiências, modos e particularidades

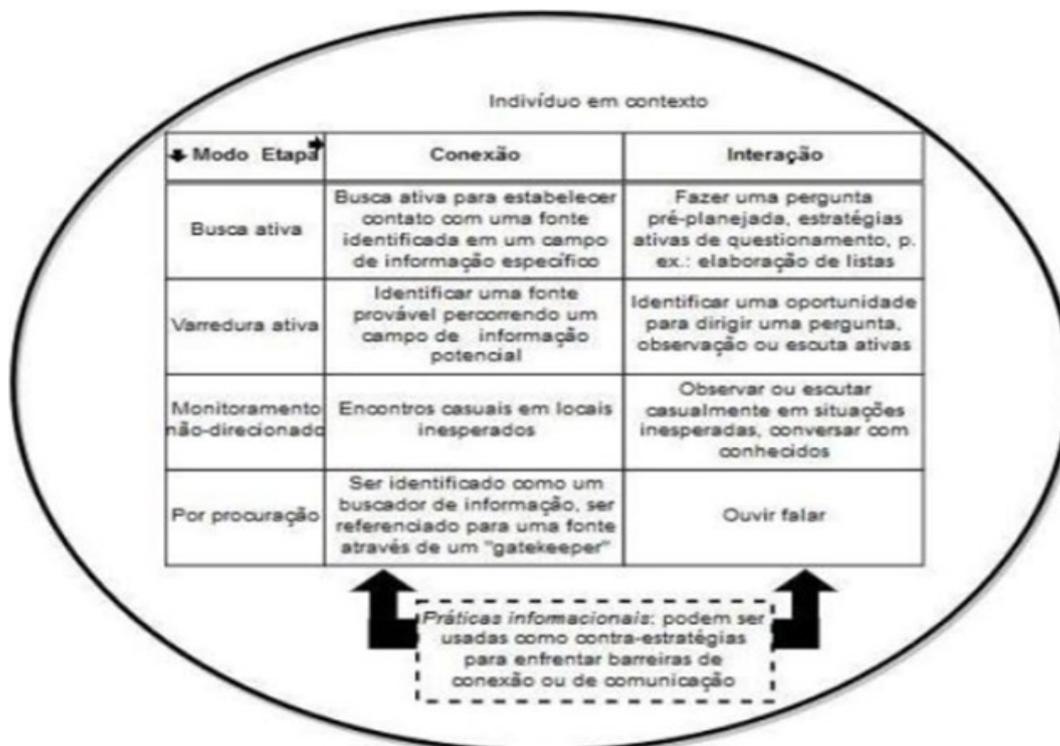
do agir das pessoas em processos cotidianos.

Para Araújo (2017, p. 230), a perspectiva das práticas informacionais “[...] é uma noção que vem se somar à “ação informacional”, “usos da informação”, “mediação da informação” e muitos outros-evidenciando a pluralidade e a vitalidade deste campo de pesquisa”. Além dos aspectos citados pelo autor, o campo das práticas informacionais vem contribuindo com importantes modelos como: de Busca de informação na vida cotidiana - *Everyday Life Information Seeking* (Savolainen, 1995), o Modelo bidimensional de práticas informacionais (Mckenzie, 2003) entre outros que possibilitam investigar grupos distintos.

## **2.1 MODELO BIDIMENSIONAL DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS**

McKenzie apresentou, em 2003 o modelo bidimensional no âmbito das práticas informacionais fundamentado no *Everyday life information seeking* (ELIS) que significa a busca de informação sobre a vida cotidiana. Seu modelo abrange “quatro modos de práticas informacionais, cada um dos quais podem figurar nas duas etapas de busca por informação” (Mckenzie, 2003, p. 25, tradução nossa), conforme se observa na figura 1, a seguir:

Figura 1- Modelo bidimensional de práticas informacionais



Fonte: Rocha; Duarte e Paula (2016), adaptado de Mckenzie (2003).

Um das principais contribuições do modelo da autora abrange novas formas de busca por informação que não fosse apenas a busca ativa, entre as quais pode-se citar o monitoramento não direcionado, o encontro acidental; ou a busca por procuração, quando a interação com a informação é possibilitada por meio de um terceiro (Mckenzie, 2003).

As etapas do modelo promovem uma busca menos direcionada, isto é, a compreensão holística das práticas informacionais por mulheres grávidas de gêmeos durante a gestação. Segundo Yeoman (2010) o modelo de McKenzie (2003) apresenta algumas limitações como a ausência das etapas referentes ao uso da informação. De modo a verificar a aplicação do modelo em outro contexto, Yeoman apresenta a versão estendida em 2010 “[...] investigando as práticas informacionais de 35 mulheres inglesas na menopausa, com o intuito de relacionar os resultados encontrados ao modelo bidimensional de McKenzie” (Rocha; Duarte; Paula, 2017, p. 48). A aplicabilidade do modelo de McKenzie tem repercutido profícuas pesquisas, inclusive este estudo, oriundo das práticas informacionais, utiliza este respectivo modelo objetivando entender contexto das

alergias e intolerâncias alimentares do grupo investigado.

### **3 ALERGIAS E INTOLERÂNCIAS ALIMENTARES: RELAÇÕES COM A INFORMAÇÃO**

A informação para a saúde é de natureza muito particular, e não se prende unicamente às questões referentes ao domínio da terapêutica médica, porém ao registro de todas as ações efetivadas por outros profissionais que se inserem na área, além daquelas que contribuem direta ou indiretamente para a qualidade no atendimento aos pacientes. Em realidade, diz respeito a todos os problemas que o setor de saúde enfrenta para a manutenção da normalidade do estado de saúde da pessoa doente e contribui para o desenvolvimento de políticas públicas de informação no contexto da saúde. Sendo assim, esse tipo de informação contempla questões que dizem respeito às patologias (*per-si*), à saúde, à legislação, à gestão, à padronização, à nutrição, às condições socioeconômicas, ao credo, à educação, às tecnologias, à terminologia, além de outras.

Destarte, seja na área jurídica, política, administrativa, ou seja, no campo da saúde, a informação se torna primordial para o desenvolvimento da sociedade. De fato, a informação tem grande influência na vida cotidiana, por isso temos frequentemente utilizando-a de forma sistemática e organizada. Todavia, precisamos destacar que após consulta ao último Censo realizado pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), não se recuperou dados oficiais do quantitativo de pessoas acometidas com alergias e intolerâncias alimentares no Brasil, o que sugere que tais informações seriam fundamentais para os programas assistenciais de saúde pública no país.

Estudos apontam que com o aumento das alergias e restrições alimentares, cidadãos acometidos com essa patologia vêm buscando outros meios para obter informação. Nesse aspecto, quanto a vida cotidiana dessas pessoas, a informação é indispensável para qualidade de vida. A alergia é identificada como “Uma reação adversa e inflamatória desencadeada da substância presente nos alimentos, no qual o sistema imunológico de defesa não reconhece” (Solé *et al*, 2018, p. 7). Inúmeras são as complicações geradas com a ingestão e contato com alimentos alérgenos.

Em conformidade com Ferreira e Seidman (2007, p. 6) “[...] alérgenos são

substâncias de origem natural (ambiental ou alimentar), que podem induzir uma reação de hipersensibilidade (reação alérgica) em pessoas suscetíveis, que entraram previamente em contato com o alérgeno”. Por isso, informações sobre alérgenos se configuram como responsabilidade social, direito à saúde e uma alimentação adequada para o grupo acometido com tais doenças.

Os alimentos industrializados são considerados um dos maiores causadores de transtornos alimentares nos alérgicos e intolerantes. De acordo com Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) a lista de itens é bem extensa, mas, atualmente, foram mapeados mais de 170 alimentos que podem causar alergias e intolerâncias. A ingestão destes ingredientes causa diversas reações, podendo afetar o sistema cutâneo, digestivo, respiratório ou mesmo cardiovascular.

O Consenso brasileiro sobre alergia alimentar, atualizado no ano de 2018, classifica as reações mais comuns em “[...] cutâneas (dermatite atópica, urticária, angioedema), gastrintestinais (edema e prurido de lábios, língua ou palato, vômitos e diarreia), respiratória (asma, rinite) e reações sistêmicas (anafilaxia com hipotensão e choque)” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ALERGIA E IMUNOLOGIA, 2018, p. 66). A alergia e a intolerância alimentar são definidas como:

Uma reação adversa a alimentos que é causada por uma resposta imunológica ao alimento, sendo que a maioria das alergias alimentares é mediada por uma resposta de hipersensibilidade com produção de Imunoglobulina E (IgE) [4]. Muitas reações alérgicas a alimentos ocorrem alguns minutos após a ingestão. Por outro lado, intolerância alimentar, ou reação de hipersensibilidade a alimentos não alérgica, constitui um tipo de reação adversa em que não está implicado um mecanismo imunológico. Este tipo de reações é dose dependente e tende a provocar um efeito retardado (horas a dias), o que torna difícil identificar a causa subjacente (Rodrigues, 2011, p. 8-9).

Segundo dados divulgados pela Associação Brasileira de Alergia e Imunologia (ASBAI), a alergia é um problema de saúde que afeta tanto crianças quanto adultos, é considerada atualmente um problema de saúde pública. Tanto as alergias quanto as intolerâncias alimentares têm aumentado no mundo todo.

[...] cerca de 8% das crianças com até dois anos de idade e 2% dos adultos sofrendo algum tipo de alergia alimentar. Mais de 170 alimentos são considerados potencialmente alergênicos, apesar de uma pequena parcela deles ser responsável por um

maior número de reações: leite, ovo, soja, trigo, amendoim, castanhas, peixes e frutos do mar (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ALERGIA E IMUNOLOGIA, 2019, *on-line*).

Partindo desse pressuposto, o número de casos de pessoas seja com intolerâncias e alergias alimentares vem crescendo no mundo inteiro, até o momento desta pesquisa não encontramos dados aproximados do quantitativo de sujeitos com esses problemas no Brasil. Por conta disso, nos últimos dez anos a ANVISA vem implantando direitos regulatórios nas legislações em vigor no país. Acredita-se que a informação adequada para grupo é fundamental não só para alimentação, mas também na prevenção e cuidados clínicos.

#### **4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Utilizou-se a pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, Cunha, Amaral e Dantas (2015, p. 158), entendem que essa pesquisa “[...] é utilizada quando se deseja descrever um fenômeno. Trata-se de um tipo de pesquisa que exige objetivos bem definidos”. Durante a pesquisa no campo foi preciso mapear fenômenos e experiências decorrentes do contexto. A abordagem qualitativa permitiu verificar como ocorrem as práticas informacionais do grupo a partir das interações humanas e sociais na vida cotidiana.

##### **4.1 LÓCUS DA PESQUISA**

Devido às restrições sanitárias da Covid-19 no ano de 2021, os dados foram coletados na comunidade SOS Alergia Fortaleza no *Instagram*, por meio da prospecção de sujeitos cuja característica em comum eram reações adversas aos alimentos alergênicos, isto é, pessoas com restrições alimentares, alérgicos e intolerantes. Apesar da inviabilidade da aplicação face a face com público em função da pandemia SARS-CoV-2 (COVID-19), sentimos que a entrevista *on-line* gerou bom entrosamento com os pesquisados.

A SOS alergia Fortaleza faz parte de uma franquia empresarial criada em 2004 na cidade de Marília, São Paulo (SP), tornando-se a primeira empresa especializada na produção de alimentos para pessoas com restrições alimentares, como alergias, intolerâncias alimentares, respiratórias, contato e

picadas de insetos (SOS ALERGIA, *on-line*). Como instrumento de coleta dos dados aplicou-se entrevista semiestruturada. Esta conversação tem como propósito “[...] obter as visões individuais dos entrevistados sobre um tema (Flick, 2014, p. 115). O roteiro de perguntas foi baseado no modelo bidimensional de McKenzie (2003).

Quanto à quantidade de participantes, entrevistamos dez pessoas, mas utilizamos apenas nove das dez entrevistas, pois incluímos uma das entrevistas como pré-teste. A amostra foi constituída com base na técnica bola de neve (*Snowball*). Essa amostragem é muito utilizada para estimar características raras na população, a principal vantagem é aumentar substancialmente a possibilidade de localizar a característica desejada na população investigada (Cunha; Amaral; Dantas, 2015). O grupo analisado é de difícil acesso, pois não há dados estatísticos precisos sobre seu quantitativo populacional, por isso a técnica bola de neve auxiliou sobremaneira.

A triagem inicial ocorreu da seguinte forma, foi enviado um *link* explicando do que se tratava a pesquisa para o administrador da página SOS Alergia Fortaleza no *Instagram* por meio do *link* publicado nos *stories* uma pessoa se comprometeu em participar da entrevista. Após o primeiro contato, aplicamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e especificamos que o critério para a participação na pesquisa era ser diagnosticado com “restrição alimentar”, ter intolerância ou alergia à alimentos alergênicos. Em seguida solicitamos que, o participante indicasse outra pessoa com as mesmas características para participar do estudo. Esse procedimento foi aplicado de forma subsequente até que as entrevistas fossem finalizadas.

Escolhemos a Análise de conteúdo para investigar os dados. Essa técnica consiste em três etapas: primeira etapa é a pré-análise, abrange a organização do material coletado visando sistematizar as ideias iniciais; a segunda etapa compreende a exploração do material a partir de várias etapas como codificação e categorização. Inclui a seleção do material seguindo a codificação indutiva e dedutiva e agrupamentos dos códigos e categorias estabelecidas; já a terceira etapa consiste no tratamento dos resultados, por meio de inferência e interpretação com base no referencial teórico (Bardin, 2016). Uma técnica

refinada que ao longo dos anos mostra sólida visibilidade na interpretação de análise dos dados em pesquisas qualitativas e estudos de natureza quantitativa, mostra-se eficiente método para captar o fenômeno das práticas informacionais.

## **5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

O grupo de entrevistados contemplou pessoas com restrição alimentar, composto por sujeitos com alergias e intolerâncias a alimentos alérgenos, como o leite, o cacau, o glúten e frutos do mar. Os participantes são identificados com a sigla P1, P2, P3 e, assim, sucessivamente descartando a ordem em que foram realizadas as entrevistas. Os resultados estão categorizados a seguir.

### **5.1 PRÁTICAS DE INTRODUÇÃO ALIMENTAR, AUTOMEDICAÇÃO E DIÁLOGOS COM PROFISSIONAIS DE SAÚDE**

A partir das primeiras codificações das entrevistas, percebeu-se uma riqueza de aspectos nas práticas informacionais do grupo. Chamou atenção de que essas práticas se configuram como uma cadeia de eventos que vêm se constituindo desde os primeiros anos da infância. No princípio das entrevistas questionou-se como essas pessoas haviam adquirido a alergia ou intolerância. Alguns participantes relataram situações específicas.

Eu descobri esse problema exatamente quando eu era criança. Desde a primeira vez que comi camarão na praia minha mãe ficou sabendo ali, eu tinha 6 anos quando aconteceu. Foi por conta desse ocorrido que minha mãe descobriu que sou alérgica. Essa situação trouxe um trauma muito grande para minha mãe. Ela acabou restringindo nossa alimentação para qualquer bicho que respire embaixo d'água (P1).

Com três anos de idade eu acordava todos os dias com os olhos inchados e pregados. Nessa época, minha mãe tinha que passar soro fisiológico, mas nessa época ela não sabia a qual alimento eu tinha alergia. Todos os dias minha mãe fazia a introdução de alimentos para ver quais causavam aqueles sintomas. Bem depois, a minha mãe resolveu me levar ao médico, mas eu só fui diagnosticada com alergia a vários alimentos somente na idade adulta, o que prevalece até hoje são os frutos do mar e lactose. Todos esses alimentos não entram aqui na minha casa porque minha mãe havia retirado totalmente da minha vida (P6).

Desde a minha infância eu sei que tenho problemas com alergias, só que à medida que o tempo passou foi agravando mais. Como eu tenho desde criança, minha mãe conta que desde o meu nascimento há 33 anos atrás foi tudo muito difícil, porque não se tinha diagnósticos sobre essas restrições, não tinha como e onde pesquisar como temos hoje. Segundo a minha mãe, a principal informação era experiência dela. Quando me fazia mal ela não me alimentava mais com esses alimentos (P9).

Para as mães a introdução alimentar é um planejamento antecipado fundamental para minimizar os riscos e exposição acidental a alérgenos, como também esse processo que elas executam é essencial em termos de negociação com a informação. Essa habilidade pode ser entendida como a “capacidade imaginativa, criadora, na apropriação da informação; é a dimensão coletiva do seu “existir”, construtora de todos os seus atos, entre os quais aqueles ligados a informação” (Araújo, 2017, p. 232). Nessa fase as mães constituíram-se como protagonista das práticas informacionais, foram elas que criaram ações, formas de se relacionar com a informação diariamente.

Assim, tem-se como pressuposto de que as práticas na infância ocorreram porque, apesar da grande relevância na contemporaneidade há mais de 30 anos a literatura sobre alergia e intolerância alimentar era pouco explorada, o que reforça a introdução alimentar feita pelas mães como forma de vivenciar e experienciar trocas informacionais sobre alimentos. Além da introdução alimentar realizada pelas mães, os relatos a seguir mostram que as práticas informacionais do grupo incluem dimensões que abrangem desde a, automedicação causada pela dor à busca por diagnóstico em consultórios, clínicas e hospitais.

Essa intolerância se manifestou em 2012, antes de ser diagnosticado eu não precisava me preocupar e nem ficar decidindo o que ia comer. Geralmente, quando eu saía com meus amigos não me preocupava com o prato que ia consumir, perguntar como foi feito? a partir de qual ingrediente? No começo, quando eu não sabia da intolerância eu sentia bastante dor e eu pesquisava na internet remédios. Até que um dia eu percebi que o Buscopan e outros medicamentos que eu pesquisava na internet não faziam mais efeito, foi aí que eu comecei a procurar nome de médicos especialista na tentativa de encontrar diagnóstico (P3).

Conforme evidenciado acima antes de ser diagnosticado o participante

P3, “pesquisa na internet remédio para passar a dor”. Ele pratica consultas na internet para escolher medicamentos, por conta própria procurou os sintomas e nome de medicamentos associado por nome de doenças. Conhecer as necessidades é o que permite compreender por que e como as pessoas se envolvem em processo com a informação (Le Coadic, 1996). A automedicação é uma prática informacional estimulada pela necessidade rápida de amenizar as dores causadas pela doença ainda não diagnosticada. Salienta-se que, as práticas informacionais dos participantes só se tornam mais efetivas após o diagnóstico.

Antes de ser diagnosticada eu me sentia péssima. Os médicos não achavam nada de "anormal" com a minha saúde. Mas a consciência de "aceitação" só vem quando a gente é diagnosticada, vê e sente na pele os sintomas após ingerir o glúten (P2).

Minha mãe trabalha com doces, eu sempre gostei de comer chocolate, bolo, pizza e queijos. Até que um dia senti uma dor que não acabava mais, tudo que eu comia me dava dor de barriga. Certo dia, eu decidi ir para o médico no posto de saúde próximo da regional que eu trabalho, aí ele disse: vá para um Gastro, porque eu acho que você está com síndrome do intestino irritável ou você está com susto de intolerância à lactose ou glúten. Quando eu descobri que sou intolerante à lactose e ao glúten, eu realmente parei tudo com leite e derivados. Se eu for fazer um bolo eu compro tudo zero lactose e sem glúten. Por esse motivo eu fui ao longo dessa trajetória me autoanalisando e pesquisando marca de alimentos com ingredientes limpos. (P4).

A minha alimentação era muito desbalanceada, e eu estava enfrentando muitos problemas de saúde, e após eu detectar esse problema eu tive que me informar e reformular tudo que eu acreditava ser saudável. É como se você fosse um bebê, tem que aprender a comer novamente (P5).

Fui ao hospital muitas vezes, mas não conseguiram descobrir o que realmente eu tinha. Senti muito medo, mas tomei tudo isso como experiência e comecei a procurar informação e médicos especializados sobre essa condição. Tudo que eu aprendi eu coloco em prática no meu dia a dia (P7).

Toda semana eu buscava atendimento na emergência por causa dessas dores. Na realidade os médicos diziam que eram dores psicológicas. Depois que recebi o diagnóstico eu só queria entender e obter mais informações para melhorar minha qualidade de vida (P8).

Após o diagnóstico, os sujeitos passam a ter hábitos mais condicionantes

sobre o que consomem, isso porque, a compra dos alimentos e a preparação da comida são momentos nos quais eles firmam práticas informacionais enquanto atividades rotinizadas. A compra dos alimentos é um processo pelo qual demanda mais esforço, tempo e paciência na busca por informação do produto adequado para a dieta, portanto, as ações de negociação derivam de modos particulares pelos quais os alérgicos e intolerantes interagem com artefatos informacionais no cotidiano.

Conforme citamos antes o contato com a informação pode ser proposital ou adaptativa na medida em que eles são socialmente configurados. Seja individualmente, ou seja, coletivamente as práticas cotidianas de compras, preparação de alimentos e comer, constituem-se não só como necessidade, mas também traz vários significados que transcendem as formas de produzir e consumir os alimentos. Através destes aspectos eles estabelecem modos interacionais, fenômenos para além da busca por informação, mas que produzem sentido nas formas como eles se relacionam, fato que possibilita efetivas práticas informacionais no cotidiano.

Conforme Pinto e Araújo (2019, p.29) as práticas informacionais envolvem processos como necessidades, busca, uso, produção e a disseminação de informações pelos indivíduos em todos os momentos da sua vivência, que variam no espaço e no tempo. Esses aspectos contribuem na produção das práticas e com os modos de agir dos alérgicos e intolerantes com a informação no espaço e contexto que eles ocupam.

A partir dos relatos a seguir, observamos que a leitura é considerada um processo de prática informacional tendo em vista que, o acesso a materiais de leitura colabora com o entendimento dos alérgicos para que compreendam como a doença pode afetar a qualidade de vida deles.

Eu comprei um livro muito bom chamado *Barriga de Trigo* do William Davis, é uma leitura maravilhosa, me apresentou muitas informações, o autor fala que hoje somente 1% da população com doença celíaca está diagnosticada (P4).

Depois que eu recebi meu diagnóstico passei a compra e ler muitos livros sobre essa questão. Uma das leituras mais esclarecedoras que eu tive foi com o livro do Dr. William Davis *Barriga de Trigo* e *Ultrametabolismo* do Mark Hyman (P5).

Constatou-se acima que a prática leitora é extremamente esclarecedora, tem sido utilizada para alertar e obter informações científicas sobre a doença celíaca. A leitura nesse cenário pode ser considerada uma prática informacional, tendo em vista que, o contexto de produção das práticas está para além do espaço físico, são formas coletivas de se relacionar com a informação, critérios coletivos de relevância, necessidade (Araújo, 2017). No campo das práticas informacionais, o que importa é o “contexto no que diz respeito à forma pela qual o indivíduo se relaciona com a informação” (Carvalho; Nunes, 2021, p. 180). Assim, ler é um contexto em que os entrevistados processam e produzem relações com a informação a partir do texto lido no cotidiano. Além dos quesitos discutidos nessa categoria, a compra e a produção dos alimentos também se caracterizam como processos que contemplam ações informacionais, inclusive, na categoria a seguir o contato com rótulos de alimentos é tido como uma prática mais diretiva com a informação.

## **5.2 PRÁTICAS DIRETAS: LEITURA DE RÓTULOS E BUSCAS NA INTERNET**

Observa-se que alérgicos e intolerantes executam diariamente consulta à rótulos de alimentos. Analisando essa categoria identificamos que os entrevistados realizam práticas informacionais diretas e intencionais, essa busca ativa se processa quando os sujeitos estabelecem contato com fontes pré-identificadas (Mckenzie, 2003). No relato a seguir o respondente afirma que, apesar de examinar o rótulo no momento da compra ele usa a internet com intuito de checar se a informação obtida na rotulagem é verdadeira.

Leio embalagem de alimentos pra ver se tem crustáceo na receita, no preparo e na composição do alimento, por exemplo, aqueles *Cup Noodles* de copinho, alguns dizem assim no rótulo, pode conter traços de crustáceos. Leio muito a lista de ingredientes porque não confio no rótulo é preciso muita atenção. Depois busco checar o produto na internet para me certificar. Minha aliada como fonte de informação é a internet (P1).

A experiência acima deriva da consulta informacional dos rótulos e das estratégias de pesquisas na internet com intuito de certificar a veracidade da informação obtida nos rótulos vistos no supermercado. Esse contato mais planejado com a informação é denominado por Mckenzie (2003) como busca

ativa. No caso dos alérgicos e intolerantes, esse modo de busca geralmente se inicia no momento da compra e se prolonga no celular ou computador para obter conhecimento na internet sobre ingredientes contido nos alimentos. É nesse itinerário que se viabilizam as práticas informacionais dos participantes, tanto o ambiente físico como digital é o contexto no qual as práticas informacionais do grupo se efetivam.

Os respondentes buscam informações sobre o produto com objetivo de mitigar a insegurança alimentar, ou seja, neste modo predomina “*defensive-affective*”, compreende o domínio da vida afetivo-defensivo a partir da confiança na resolução de problemas (Savolainen, 1995; Rocha; Duarte; Paula; 2017). A desconfiança com a rotulagem dos alimentos está entre os fatores que influenciam o domínio afetivo-defensivo dos entrevistados, inclusive esse quesito pode ser considerado decisivo na construção das práticas informacionais na internet, isso porque, nos trechos a seguir eles consideram que o *feedback* obtido no ciberespaço tem mais credibilidade do que a informação técnica dos rótulos.

Eu leio todos os rótulos. Mesmo sabendo que "não contém glúten", eu não confio mais, se não estiver escrito eu procuro na internet pelo nome do produto, vejo se tem comentários positivos ou negativos das pessoas que consumiram o produto (P2).

Quando vou ao supermercado eu leio tudo do rótulo do produto. Consulto a internet para ler os comentários de quem já usou (P3).

Eu leio muito rótulo, também busco comprar nas lojas para alérgicos e intolerantes. Geralmente essas lojas sempre repassam novas informações, mas o depoimento na internet de quem já comeu aquele produto é cem por cento (P6).

Eu só descobri que a “caseína era lactose” porque eu li um comentário de um alérgico explicando sobre as propriedades químicas dos alimentos. (P5).

Os participantes mencionaram que compartilham na internet depoimentos acerca dos produtos consumidos, isso ficou visível quando o participante 5, soube a definição do termo - caseína através do comentário feito por outro alérgico. A geração destes conteúdos vai além das estratégias de compra, são depoimentos favoráveis em plataformas e redes sociais na internet. Participar de comunidades online para compartilhar informações passam a integrar meio pelo

qual eles podem informar a outros consumidores sobre a presença de alergênico. Os produtos alergênicos oferecem perigo eminente à saúde desses indivíduos.

Através dos relatos citados anteriormente, se percebeu que a ambiguidade da informação contida nos rótulos está entre um dos principais fatores que possibilitam a concepção das práticas informacionais cotidianas. Estas práticas informacionais são estruturadas pelas experiências de preparação e manipulação de alimentos, pois o consumo dos produtos se transforma em informações a partir dos comentários veiculados nos meios digitais. Nesse sentido, as Tecnologias de Informação e Comunicação devem ser consideradas um importante espaço para construção das práticas informacionais desse grupo.

Dessa forma, acredita-se que as práticas informacionais se constroem na medida em que as estratégias de interação e negociação se incorporam ao cotidiano, pois não se estabelecem apenas da vontade do indivíduo, mas dos processos e eventos do cotidiano que, referem-se ao conjunto de ações utilizadas para lidar com a informação de forma eficiente. Conforme a categoria seguir, as práticas de informação também ocorrem por intermédio de terceiros-outras pessoas.

### **5.3 PRÁTICAS ALTERNATIVAS EM EVENTOS DO COTIDIANO**

Nesta categoria, os entrevistados descreveram práticas informacionais de quando eles transitam nos espaços institucionais como: consultório médico e ambiente de trabalho.

Antes de fazer o exame da alergia a glúten, eu estava sentado na clínica e descobri por meio de outra pessoa celíaca que faz acompanhamento médico que, não existi enzima para o glúten, e que a doença celíaca é irreversível. Até então eu pensava que era igual à lactose, porque a lactose tem a enzima. Nesse dia, eu fiz os exames, fiz sorologia e tudo confirmava, aí quando realmente eu escutei do médico: essa doença é irreversível, mesmo regrado totalmente sua alimentação, tomando probióticos e remédios não tem como reverter uma doença celíaca (P4).

O entrevistado P4 recebeu de forma inesperada uma informação de outro agente no espaço clínico, essa prática corresponde ao modo de monitoramento não-direcionado (Mckenzie, 2003), ele acontece nos momentos em que a possibilidade de encontrar informação é eminente pelos indivíduos que estão no cotidiano entre outras pessoas, esse também é um momento coletivamente construído com a informação porque, ocorre em diálogos inesperados com outras pessoas. Percebemos que as práticas informacionais no cotidiano dos agentes se reproduzem simultaneamente, são, na realidade, interações capazes de criar ações individuais e coletivas atreladas a informação.

Fui adquirindo informações a partir das pessoas que trabalhavam comigo, meu ambiente de trabalho foi o despertar. Três pessoas que trabalhavam comigo tinham restrição alimentar, e eu percebia que além deles se comportarem de maneira diferente, eles também conversavam entre si sobre essas questões. Um dia conversando com um desses colegas ele me disse que havia feito exames médico que detectaram que ele tinha intolerância ao glúten. A partir das informações que ele me passou, eu decidi usá-las fazendo o mesmo percurso que ele fez até chegar ao diagnóstico, essa informação do meu colega eu considero até hoje como uma informação primária (P5).

As práticas acima se qualificam como estágio de conexão, pois os espaços informacionais alternativos são essenciais para prática da escuta ativa da informação e, também, as conversas empreendidas no ambiente possibilitam pontos de conexão entre os atores (Mckenzie, 2003). O encontro ocasional com a informação é visto como oportunidade para entender os riscos e as dificuldades com a alimentação. Conforme lemos a seguir, os programas de televisão também assumem papel de destaque no cotidiano.

Eu assisti uma vez na televisão, agora não lembro o nome do programa, uma nutricionista dizendo que é muito importante decifrar esses rótulos, e que os aplicativos ajudam na identificação desses alimentos duvidosos. Já escutei alguém dizer que os pratos com molusco causam reações alérgicas idênticas ao dos crustáceos, só que no caso dos mariscos ocorre bem pior, porque algumas toxinas presentes em certos tipos de algas de que os mariscos se alimentam, podem causar sintomas neurológicos e respiratórios. Essa é uma informação que eu escutei sentada no restaurante. Então, já não como nada que vive debaixo d'água, com essa informação fiquei mais ciente (P1).

Além de conhecer outros alérgicos eu assisti na televisão um entrevistado falando sobre a existência de queijos que os

intolerantes podiam comer, aí eu fui me certificar na internet, até encontrei alguns *sites* que explicam a quantidade de lactose presente nesses queijos, mas são informações que eu ainda considero confusas e não confiáveis. (P3).

Quando eu tinha 13 anos eu lembro que assisti uma reportagem no jornal da manhã das 6 às 7 horas “Bom dia Ceará”, o entrevistado na matéria falando sobre a questão do glúten, aí eu lembro que na época eu disse: valha o que é glúten? Aí minha mãe falou: são pessoas que não podem comer nada com glúten, na época eu fiquei pensando” coitada dessa pessoa, porque ela não pode comer nada”. E, assim, na época que eu descobri que sou celíaca me veio essas duas lembranças do passado, então eu comecei a ler muito e pesquisar sobre receitas e com outras pessoas que são celíacas (P4).

No entanto, percebemos que a notícia mediada a partir destes meios influencia consideravelmente o comportamento e a tomada de decisão dos sujeitos em detrimento de estratégias práticas sobre a questão da restrição alimentar. Identificamos essa questão no trecho “Fui me certificar na internet, até encontrei alguns *sites* que explicam a quantidade de lactose presente nesses queijos” (P3). É interessante notar que, a partir da matéria noticiada na televisão o participante executou o modo de varredura ativa (Mckenzie, 2003), que se constitui como uma forma mais direta de acessar a informação a partir de uma fonte de informação identificada.

Alérgicos e intolerantes convivem rotineiramente com as incertezas, eles praticam cuidados rigorosos. Entende-se que o encontro com a informação é visto como uma prática cotidiana de superar as dificuldades com a saúde, no trecho a seguir vejamos como as práticas são utilizadas para evitar riscos de contaminação.

Eu lembro que do nada eu li numa revista que além do plástico conter substância cancerígena, o plástico absorve o glúten, depois dessa informação eu dei todas as minhas vasilhas de plástico, aí eu tenho muito cuidado com plástico. Aqui em casa minha mãe fazia bolo, doce, torta, então nosso fogão era todo contaminado de substâncias do glúten. Uma pessoa me mostrou um vídeo mostrando uma lavagem tripla de forno, eu lavei o fogão todinho (P4).

Diferente das categorias anteriores em que as práticas informacionais do grupo ocorrem através da busca ativa e da varredura ativa, as práticas informacionais nesta categoria acontecem mediante um processo de descoberta seja pelo modo de monitoramento não-direcionado, ou seja por procuração

(Mckenzie, 2003). Quando os sujeitos descobrem informação sem que haja pretensão são “[...] experiências de descoberta acidental de informação remetem ao conceito de serendipidade (*serendipity*)” (Vechiato; Farias, 2020, p. 2). Percebeu-se nesta categoria que as práticas informacionais não têm estratégias de buscas planejadas, mas podem ser compreendidas como processos de descobertas inesperadas da informação. Dessa forma, o cotidiano é capaz de produzir práticas informacionais imprevisíveis, geradas a partir dos diálogos aleatórios do contexto, suscetível a distintos modos de interação.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo consideram que as práticas informacionais do grupo pesquisado se concentram em estágios de interação e conexão em espaços informacionais físicos e digitais, por exemplo, no modo de busca ativa da informação em rótulos de alimentos e internet, foi averiguado que apesar da contínua prática de leitura dos rótulos, o grupo em questão desenvolve práticas informacionais de pesquisa na internet com intuito de conferir se o conteúdo da embalagem é verídico. Além desses aspectos, eles também participam de comunidades virtuais e compartilham dicas e experiências com objetivo de oferecer apoio através de alternativas de alimentos mais seguros.

Diante do exposto, fica evidente que apesar das regulamentações estabelecidas pela ANVISA, a rotulagem de alimentos no Brasil ainda apresenta inconsistência, pois alérgicos e intolerantes buscam outras práticas informacionais no cotidiano visando garantir opções mais seguras em relação a sua alimentação. Destarte, o que demonstra que a indústria ainda não oferece totalmente qualidade na informação sobre riscos de contaminação de alimentos alergênicos aos clientes com restrições alimentares. Assim, conforme os resultados verificamos que as melhorias em relação a qualidade de vida dos alérgicos/ intolerantes não são tão significativas, pois o hábito de comer no cotidiano é dependente de diversas práticas informacionais que vai desde a pesquisas online até comentários minuciosos sobre consumo de produtos e seus compostos.

Em relação a práticas informacionais por intermédio de terceiros, foi possível constatar que neste modo não há um planejamento estruturado para obter informação, pois tais práticas ocorrem através dos encontros face a face, e geralmente a escuta ativa da informação é mediada via dos encontros inesperados. Para alérgicos e intolerantes os problemas para comer representam desafios sociais e de saúde. Dessa forma, constatamos que as conexões estabelecidas nos encontros fortuitos com a informação é uma oportunidade para a realização de perguntas que modificam os modos, estratégias de busca e as práticas informacionais subsequentes.

Ao longo da pesquisa, também foi possível apreender que os alérgicos/intolerantes a alimentos sofrem incertezas e, que as práticas informacionais que eles constroem querendo evitar riscos de contaminação por alimentos é o que possibilita entender como se dá a formação por trás da ação com artefatos informacionais. Além disso, os resultados indicam que o grupo em questão pratica uma série de buscas para encontrar informações e melhorar suas experiências de comer. Essas práticas informacionais são articuladas a partir de um espaço físico e online, cuja ação é um dos elementos que dão forma as práticas no contexto.

Verificamos que apesar da inviabilidade da aplicação face a face com público em função da pandemia SARS-CoV-2 (COVID-19), os procedimentos metodológicos utilizados nos permitiram responder ao objetivo proposto. Além do mais, a adequação do modelo de Mckenzie (2003) com as perguntas utilizadas na entrevista, favoreceu na compreensão de que os agentes pesquisados constroem práticas nos mais variados cenários informacionais.

Por fim, concluímos que as práticas informacionais do grupo analisado se concentram primeiramente no consumo da informação, mas, a partir da interação que eles estabelecem ao longo do percurso informacional conseguem protagonizar outras práticas no cotidiano, como por exemplo, apropriação e compartilhamento da informação sobre produtos, ingredientes, conteúdo nutricional, procedência e marcas de alimentos. Logo, as práticas informacionais do grupo analisado se constroem mediante a necessidade de manter uma alimentação segura livre de produtos alergênicos, que se concentram em modos

de interação e conexão para troca de saberes e experiências em espaços informacionais diversos. Essas práticas informacionais são essenciais para ajudar as pessoas com alergias e intolerâncias alimentares a gerenciar sua dieta de forma segura e eficaz, garantindo que possam desfrutar de uma alimentação mesmo diante de desafios específicos com a saúde.

## REFERÊNCIAS

ABIA. **Padrão ABIA para o Atendimento ao Consumidor pelas Indústrias de Alimentos**. Disponível em:

<http://www.abia.org.br/vsn/anexos/03PadraoABIA-versaofinalrevisada-jul-14.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2019.

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Leitura de rótulos de alimentos**. Brasília, DF: ANVISA, 2016. Disponível em:

<http://portal.anvisa.gov.br>. Acesso em: 26 set. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ALERGIA E IMUNOLOGIA. **Alergia alimentar**. São Paulo: ASBAI, 2018. Disponível em:

<http://www.sbai.org.br/secao.asp?s=81&id=306>. Acesso em: 6 nov. 2019.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**., Brasília, DF, v. 38, n. 3, p.192-204, set./dez., 2009.

Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1240>. Acesso em: 6 nov. 2019.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários conforme o paradigma social da ciência da informação: desafios teóricos e práticos de pesquisa.

**Informação & Informação**., Londrina, v. 15, n. 2, p. 23-39, 2010. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/6485>.

Acesso em: 10 dez. 2019.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O sujeito informacional no cruzamento da Ciência da Informação com as Ciências Humanas e Sociais. *In*: ENANCIB: Encontro NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2013, Santa Catarina. **Anais [...]**. Florianópolis: IBICT, 2013. Disponível em:

<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xivenancib/paper/viewFile/4181/3304>. Acesso em: 4 jan. 2020.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Fundamentos da Ciência da Informação: correntes teóricas e o conceito de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, Paraíba, v. 4, n. 1, p. 57-79, 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/19120>. Acesso em: 10 set. 2020.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Práticas informacionais: novo conceito para o estudo dos usuários da informação. *In: Maria Nélide González de Gómez e Rodrigo Rabello (Org). Informação: agentes e intermediação*. Brasília/DF: IBICT, 2017. p. 195-235.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que são práticas informacionais?. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, n. Esp, p. 217-236, out. 2017. DOI: <https://doi.org/10.32810/2525-3468.ip.v2i0.2017.20655>. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655/31068>. Acesso em: 20 jun. 2018.

PINTO, Flávia Virgínia Melo; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários: quais as diferenças entre os conceitos comportamento informacional e práticas informacionais?. **Ciência da Informação em Revista.**, Maceió, v. 6, n. 3, p. 15-33, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/8037/6811>. Acesso em: 10 fev. 2018.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Os estudos em práticas informacionais no âmbito da Ciência da Informação. *In: Edvaldo Carvalho Alves... et al, (Org). Práticas Informacionais: reflexões teóricas e experiências de pesquisa*. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERTI, Ilemar Christina Lansoni Wey; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários e práticas informacionais: do que estamos falando?. **Informação & Informação**, Londrina, v. 22, n. 2, 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31462/22020>. Acesso em: 29 jun. 2018.

COURTRIGHT, Christina. Context in information behavior research. **Annual Review of Information Science and Technology**, Malden, v. 41, n. 1, p. 273–306, oct. 2007.

COX, A. M. Information in social practice: a practice approach to understanding information activities in personal photography. **Journal of Information Science**, [S l], v. 39, n. 1, p. 61-72, 2012.

BENTES PINTO, Virgínia.; SOARES, Maria Elias. (org.). **Informação para a saúde: prontuário do paciente, ontologia de imagem, terminologia, legislação e gerenciamento eletrônico de documentos**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BENTES PINTO, Virgínia; CAVALCANTE, Lídia Eugênia. Pesquisa bibliográfica e documental: o fazer científico em construção. *In: VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti (org.). Aplicabilidades metodológicas em Ciência da Informação*. Fortaleza: Edições UFC, 2015. p. 15-34.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2003.

CUNHA, Murilo Bastos da.; AMARAL, Sueli Angelica do.; DANTAS, Edmundo Brandão. Fundamentos e modelos teóricos para o desenvolvimento dos estudos de usuários. *In: Manual de estudos de usuários da informação*. São Paulo: Atlas, 2015.

FERREIRA, Cristina Targa.; SEIDMAN, Ernest. Alergia alimentar: atualização prática do ponto de vista gastroenterológico. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 83, n. 1, p. 7-20, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/FBjqzY63JqkBGkPrtYvXL6x/?lang=pt>. Acesso em: 19 nov. 2020.

FLICK, Uwe. **Introdução a metodologia da pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

MCKENZIE, Pamela J. A model of information practices in accounts of everyday-life information seeking. **Journal of Documentation**, London, v. 59, n. 1, p. 19-40, 2003. Disponível em: <http://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/00220410310457993>. Acesso em: 19 nov. 2020.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Tradução: Maria Yêda F.S. de Filgueiras Gomes. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996. 119 p.

ROCHA, Janicy Aparecida Pereira; DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal; PAULA, Cláudio Paixão Anastácio. Modelos de práticas informacionais. **Em questão**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 36-61, jan/abr. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/67014>. Acesso em: 10 out. 2018.

RODRIGUES, Marisa Loio Rainho. **Intolerâncias alimentares**. 2011. 86 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011. Disponível em: <https://eg.uc.pt/bitstream/10316/80971/1/Intoler%C3%A2ncias%20Alimentares.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2020.

SAVOLAINEN, Reijo. Everyday life information seeking: approaching information seeking in the context of “way of life”. **Library & Information Science Research**, Amsterdam, v. 17, n. 3, p. 259-294, 1995. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0740818895900489>. Acesso em: 20 jun. 2018.

SAVOLAINEN, Reijo. Information behavior and information practice: reviewing the umbrella concepts of information-seeking studies. **The Library Quarterly**, vol. 77, n. 2, p. 109-132, abr. 2007. Disponível em:

<https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdfplus/10.1086/517840>. Acesso em: 10 fev. 2018.

SOLÉ, Dirceu *et al.* Consenso Brasileiro sobre Alergia Alimentar: 2018. **Revista brasileira de alergia e imunopatologia**, São Paulo, v. 2, n. 1, jan./ mar. 2018. Disponível em: [http://aaai-bai.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=851](http://aaai-bai.org.br/detalhe_artigo.asp?id=851). Acesso em: nov. 2021.

TALJA, Sanna. The domain analytic approach to scholar's information practices. In: FISHER, Karen E.; ERDELEZ, Sanda; MCKECHNIE, Lynne. **Theories of information behavior**. 2. Ed. New Jersey: ASIS&T, 2006. p. 123-127.

VECHIATO, Fernando Luiz; FARIAS, Gabriela Belmont de. Serendipidade no contexto da Ciência da Informação: perspectiva para os estudos com sujeitos informacionais. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 25, p. 1-23, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2020.e72056>. Acesso em: 19 nov. 2020.

## INFORMATION PRACTICES IN THE CONTEXT OF FOOD ALLERGIES AND FOOD INTOLERANCES

### ABSTRACT

**Objective:** To investigate information practices in the context of food allergies and intolerances in the field of Information Science through the following question: "How do the information practices of people with dietary restrictions occur?". It aims to show how information practices are carried out by people with food intolerances and allergies. **Methodology:** This is a descriptive study with a qualitative approach. **Results:** We found the following results: a) self-medication and the search for a diagnosis are considered preliminary practices; b) we also found that information-seeking processes range from Internet search strategies to face-to-face encounters with other people in everyday life. **Conclusions:** We conclude that the group's information practices are built around the need to maintain a safe diet free of allergenic products, and that these practices focus on modes of interaction and connection to exchange knowledge and experiences in physical and digital spaces.

**Descriptors:** Information practices. User studies. Food restriction. Food allergy and intolerance.

## PRÁCTICAS DE INFORMACIÓN EN EL CONTEXTO DE LAS ALERGIAS E INTOLERANCIAS ALIMENTARIAS

### RESUMEN

**Objetivo:** Investigar las prácticas informativas en el contexto de las alergias e intolerancias alimentarias en el ámbito de las Ciencias de la Información a través de la siguiente pregunta: "¿Cómo se producen las prácticas informativas de las personas con

restricciones alimentarias?”. Se pretende mostrar cómo se producen las prácticas informativas de las personas con intolerancias y alergias alimentarias. **Metodología:** Se trata de un estudio descriptivo con un enfoque cualitativo. **Resultados:** Encontramos los siguientes resultados: a) la automedicación y la búsqueda de un diagnóstico se consideran prácticas previas; b) también encontramos que los procesos de búsqueda de información van desde estrategias de búsqueda en Internet hasta encuentros cara a cara con otras personas en la vida cotidiana. **Conclusiones:** Concluimos que las prácticas informativas del grupo se construyen en torno a la necesidad de mantener una dieta segura y libre de productos alergénicos, y que estas prácticas se centran en modos de interacción y conexión para intercambiar conocimientos y experiencias en espacios físicos y digitales.

**Descriptores:** Prácticas informativas. Estudios de usuarios. Restricción alimentaria. Alergia e intolerancia alimentaria.

**Recebido em:** 05.06.2024

**Aceito em:** 12.11.2024